Consciência Estonteante, do Amanhecer ao Entardecer

Relato sobre a Celebração do Aniversário de Gurumayi

24 de junho de 2018
Shree Muktananda Ashram

Epílogo

por Jonathan Shimkin

O riso pode inebriar, deleitar, iluminar e cantar; pode sinalizar afinidade, ironia, reconhecimento e jogo. O riso pode transmitir sabedoria, como atestam muitos professores que o utilizaram como parte de sua pedagogia, tais como o filósofo taoísta Chuang Tzu (396-286 a.C.), o filósofo grego Diógenes (412-323 a.C.) e o legendário monge chinês, Budai, que veio a ser conhecido como "o Buda sorridente". Além disso, inúmeros professores usaram estórias humorísticas como as do xeique Nasruddin para ensinar, para instruir pela sagacidade.

Filósofos, poetas, cientistas e pensadores de todas as espécies tentaram avaliar a profundidade das origens da propensão humana ao riso e o papel do humor nas suas questões. "O homem é o único animal que ri e chora", disse o escritor inglês William Hazlitt, há quase 200 anos. De lá para cá, os cientistas encontraram evidências de riso não apenas nos nossos parentes mamíferos mais próximos — chipanzés e bonobos — mas também em outras espécies. Quem quiser procurar as origens evolutivas do riso e do humor terá que especular, pois a história se oculta dentro da pré-história. Pré-história significa que não há nenhum relato, nenhuma evidência

direta, nenhum testemunho de como o riso era experimentado pelo homo sapiens quando este emergiu como uma espécie distinta, há cerca de trezentos mil anos.

Agora, quanto à especulação, existe em abundância! Foi proposto que o riso seria uma forma quase universal de comunicação (chipanzés e outros macacos riem), um instinto pré-verbal em humanos (bebês riem), um modo de lidar com situações pesadas (o riso que surge *in extremis*) e um meio de criar e aprofundar vínculos sociais.

De uma coisa podemos ter certeza, o riso é parte do dom da vida no planeta Terra, e ao escolher este tema para as celebrações do Aniversário em Êxtase, do dia 24 de junho de 2018, Gurumayi nos colocou no contexto da unidade da vida nesta esfera azul, nossa Terra, e também no contexto daquilo que a transcende. Pois, como prossegue nossa citação inicial, "O homem é o único animal que ri e chora, pois é o único que é surpreendido pela diferença entre o que as coisas são e o que deveriam ser". Em outras palavras, o riso surge de um lugar interior que vai além das circunstâncias, um lugar imbuído do conhecimento daquilo que "deveria ser" – um padrão que se origina dos imperativos incondicionais do próprio Ser testemunho. É como se o dia da celebração, dia 24 de junho de 2018, tivesse sido planejado para nos levar a ter esta percepção.

Ao dar um passo atrás e observar o dia como um todo, vemos que ele se parece com uma obra de arte, com a energia tomando forma e turbilhonando ao redor de uma abertura e de um fechamento formais: o Arati da Manhã e o Arati da Tarde, no Templo de Bade Baba. No coração desse turbilhão de atividade e sucessão de eventos havia uma quietude e uma paz profundas, que vinham do próprio âmago da celebração.

No século X, Abhinavagupta, o sábio e professor shivaíta que viveu na Caxemira, identificou nove *rasas*, ou sabores, como uma característica das obras de arte. Uma dessas nove *rasas* é a *hasya-rasa*, a *rasa* cômica. (Algumas das outras são a *vira-rasa*, a heroica, e a *adbhuta-rasa*, a maravilhosa.) Cada uma das nove *rasas* é um elemento essencial da experiência, tanto estética quanto da própria vida. Cada *rasa* provém *de*, é infundida *com* e leva de volta *à* experiência da nona *rasa*, *shanta-rasa*, a *rasa* da paz e tranquilidade, o sabor do Ser. *Shanta-rasa* é a tônica na qual todas as outras *rasas*, levadas ao extremo, se resolvem. Um termo similar, usado na palestra da Mensagem de Gurumayi para 2018 e que é familiar aos Siddha Yogues, é *satya-rasa*, o gosto ou sabor da Verdade. A verdade da experiência do Ser — o pivô que anima e testemunha o turbilhão da atividade diária — subjaz tanto *shanta-rasa* quanto *satya-rasa*.

Vendo aquele dia a partir de um certo distanciamento, pode-se dizer que o arranjo da celebração do Aniversário em Êxtase de 2018 foi tocado no acorde dominante de *hasya-rasa*, a *rasa* cômica. A partitura na qual os ensinamentos do dia foram arranjados era a manifestação física mais direta do sentido do cômico: o *riso*. Gurumayi disse que "apresentar o riso" seria o tema da Celebração do Aniversário. O riso, isto é, aquilo que nos une como espécie, como coletividade, como *sangham* e que nos dá acesso a uma perspectiva transcendental de todas as vicissitudes da vida.

O riso foi invocado, provocado e evocado. Foi abundante ao longo do dia e do *satsang*, desdobrando-se como o tema de uma sonata, com exposição inicial, seguida de desenvolvimentos e recapitulações, tudo em registros variados — o riso em sua forma bruta e sutil, movendo-se por todos os tons de voz, como uma encantadora fonte de águas curativas. O "êxtase" do "Aniversário em Êxtase" estava ancorado no riso e naquele dia, nos

deu, a todos, um gosto exato do que estávamos celebrando: *atma-jñana*, o conhecimento da natureza essencial do Ser, e a pessoa, aquela mestra que concede esse conhecimento através da profundidade do seu próprio amor. Estávamos celebrando o aniversário de Gurumayi, o Aniversário em Êxtase.

E o êxtase do Aniversário em Êxtase, ouvido em *crescendos* de risos que constituíam a batida rítmica do dia, foi sutilmente preenchido pelo sabor de *satya-rasa* que permeou cada elemento da celebração, e no qual cada elemento da celebração se resolvia: a realidade suprema da existência, consciência e êxtase conhecida como *sat-chit-ananda*. *Satya-rasa*, sob a forma da pessoa de um Siddha Guru, encarnado em Gurumayi, foi tanto a razão como o meio de celebrar o Aniversário em Êxtase, dia 24 de junho de 2018.

Feliz Aniversário, Gurumayi!

© 2018 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.